



## As narrativas da imprensa sobre a deposição de Manuel Zelaya em Honduras

Samantha Maia Araujo  
Mestre em Ciências pelo Prolam-USP  
samimaia@usp.br

### Resumo

É de conhecimento que os meios de comunicação brasileiros cobrem pouco os temas da América Latina. Entender os limites do Jornalismo tradicional, que tem como sua base a objetividade, é essencial não só para avaliar a pouca recorrência dos temas de países da região nos periódicos, como para pensar outras formas de fazer jornalístico que consigam lidar com a complexidade das relações da sociedade contemporânea. Para trabalhar estas questões, usaremos como estudo de caso a cobertura da deposição de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras em 2009 pelos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e pelo hondurenho *La Tribuna*, este último escolhido para uma abordagem comparativa. O presente artigo busca analisar em que medida os três jornais construíram suas narrativas a partir de uma abordagem complexa e quais foram suas limitações.

**Palavras-chave:** Honduras; Zelaya; Leitura Cultural; Análise do Discurso; Mídia.

### Resumen

Es de conocimiento que los medios de comunicación brasileños cubren poco las temáticas de América Latina. Entender las limitaciones del Periodismo tradicional, basado en la objetividad, es esencial no solo para evaluar la poca recurrencia sobre los temas de la región en los periódicos, sino también para pensar otras formas de práctica periodística que logren en el trato con la complejidad de las relaciones de la sociedad contemporánea. Para hacer el análisis, utilizaremos como caso de estudio la cobertura de la retirada de Manuel Zelaya de la presidencia de Honduras en 2009 por los periódicos brasileños *O Estado de S. Paulo* y *O Globo* y del diario hondureño *La Tribuna*, este último para un análisis comparativo. En este artículo se analiza si los tres diarios lograron construir una comprensión de lo ocurrido en Honduras a partir de un enfoque complejo, y cuales fueron sus limitaciones.

**Palabras clave:** Honduras; Zelaya; Lectura Cultural; Análisis del Discurso; Medios.

## **América Latina desconhecida**

Apesar do peso político do Brasil na América Latina e da sua larga fronteira com dez países, é notória a falta de intercâmbio cultural brasileiro com as demais nações latinoamericanas. Isso se reflete na cobertura que a imprensa brasileira faz da região, em geral restrita a momentos de crise, catástrofes ou eventos oficiais como eleições, reuniões de autoridades, fechamento de acordos comerciais etc. Mesmo em relação a países mais presentes nos meios de comunicação brasileiros, como a Argentina e o Uruguai, é possível questionar até que ponto o debate consegue ir além de estereótipos pré-estabelecidos.

Tomemos Honduras como exemplo para analisar esta questão, um caso representativo do desconhecimento da população brasileira sobre os demais países da América Latina. Há poucas referências culturais, históricas, geográficas ou políticas sobre Honduras no Brasil. É um desafio ao brasileiro citar uma personalidade hondurenha. Talvez o nome do ex-Presidente Manuel Zelaya seja um dos únicos que ficará marcado para o brasileiro devido ao destaque que a deposição ganhou na imprensa do Brasil.

Quando Zelaya foi afastado da Presidência de Honduras, a atenção da imprensa brasileira se voltou para aquele país e assim permaneceu até a posse de um novo presidente em janeiro de 2010. A concessão de abrigo a Zelaya na embaixada do Brasil em Tegucigalpa, em setembro de 2009, aqueceu ainda mais o noticiário. Para se ter ideia de como o episódio aumentou expressivamente o volume de matérias sobre Honduras, as referências ao país nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* em 2009 foram 5 vezes maiores que em 2008<sup>1</sup>.

Faremos um breve resumo dos acontecimentos envolvidos na derrubada de Zelaya. Em março de 2009, o governo de Honduras aprovou um decreto autorizando o chamamento para junho daquele ano de uma consulta popular<sup>2</sup> sobre a adição de uma quarta urna às eleições gerais<sup>3</sup> de outubro daquele ano para decidir sobre a convocatória de uma Assembleia Nacional Constituinte. O plebiscito foi agendado para 28 de junho de 2009. A oposição acusou Zelaya de querer viabilizar a reeleição presidencial em uma nova

---

<sup>1</sup> De acordo com uma pesquisa pela palavra Honduras nos arquivos digitais das edições impressas dos dois jornais, foram encontrados 93 resultados em *O Globo* em 2008 e 498 resultados em 2009. No caso de *O Estado de S. Paulo*, a palavra Honduras apareceu 168 vezes em 2008 e 863 em 2009.

<sup>2</sup> O plebiscito traria a seguinte pergunta: “Você está de acordo que nas eleições gerais de novembro de 2009 se instale uma quarta urna para decidir sobre a convocatória a uma Assembleia Nacional Constituinte que aprove uma nova Constituição política?”.

<sup>3</sup> As eleições gerais hondurenhas contavam tradicionalmente com três urnas: para presidente, para deputados e para prefeitos.

Constituição. O Poder Judiciário e o Congresso consideraram a consulta ilegal, mas ela contava com apoio popular<sup>4</sup> e foi mantida pela administração Zelaya.

Na manhã do dia 28 de junho de 2009, a Suprema Corte hondurenha ordenou que o Exército destituísse Zelaya, que foi retirado de sua casa por soldados e levado de avião para a Costa Rica. Faltavam seis meses para que ele terminasse o mandato. Organizações internacionais consideraram a deposição uma afronta aos princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito. O Congresso de Honduras leu uma carta de renúncia de Zelaya, negada por ele, e aprovou a posse do então Presidente do Congresso, Roberto Micheletti, como novo presidente de Honduras.

Protestos foram realizados nas ruas por parte da população contra e a favor da retirada de Zelaya. Quem saiu para pedir a volta do ex-Presidente sofreu repressão policial. Em 5 de julho de 2009, Zelaya tentou voltar ao país de avião e foi impedido de aterrissar em Tegucigalpa. Milhares de manifestantes pró-Zelaya se reuniram próximos ao aeroporto para aguardar a chegada do político. Um jovem de 19 anos, Isis Obed Murillo, foi morto com um tiro de fuzil na cabeça. As investigações indicavam que o tiro havia sido disparado pelas forças policiais que tentavam impedir o acesso dos manifestantes ao aeroporto.

Zelaya só conseguiu voltar a Honduras no final de setembro, quando se refugiou na embaixada brasileira em Tegucigalpa. Segundo o governo brasileiro, Zelaya chegou à embaixada por meios próprios e o Brasil o acolheu por razões humanitárias. As eleições para definir o sucessor de Zelaya continuaram marcadas para 29 de outubro de 2009. Venceu Porfirio Pepe Lobo, que havia concorrido com Zelaya em 2005. O ex-presidente só conseguiu deixar a embaixada brasileira e o país depois de um acordo firmado em janeiro de 2010.

Apesar de as notícias sobre Honduras ocuparem espaços diariamente em diversos veículos brasileiros, algo fogia à compreensão. Era difícil entender, por exemplo, quem era Zelaya, um político da elite ruralista que estava sendo atacado pela direita de seu país e pelo seu próprio partido. E o que queriam os hondurenhos, em um processo cuja legitimidade constitucional estava em questão? De onde havia surgido tamanha crise naquele país até então ausente na imprensa do Brasil? A dissertação *Notícias de Honduras: Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição de Manuel Zelaya* (ARAÚJO, 2016) traz um estudo de caso da cobertura dos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e do jornal hondurenho *La Tribuna*, que permite uma análise mais aprofundada desta questão.

---

<sup>4</sup> Uma pesquisa feita em fevereiro e março de 2009, divulgada pelo jornal hondurenho *La Tribuna*, indicava que 87% dos hondurenhos eram a favor do projeto da quarta urna.

O levantamento trazido pela dissertação mostra que os três veículos privilegiaram as fontes oficiais em suas matérias em detrimento de personagens comuns e, de maneira geral, interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas, como, por exemplo, a partir da comparação de Zelaya com a política do ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez. A falta de aprofundamento do contexto e do resgate das raízes históricas foi outra característica marcante na cobertura dos jornais estudados, apesar de terem recorrido com certa frequência a especialistas (economistas, historiadores, sociólogos etc.). O resultado foi uma cobertura que em parte significativa não partiu de um olhar complexo da realidade, se distanciou de uma efetiva mediação social e falhou na construção de sentido. As características que levaram a esta avaliação serão abordadas nos próximos tópicos deste artigo.

### **A cobertura objetiva versus a complexidade**

Em 29 de junho de 2009, a manchete de *O Estado de S. Paulo* era “Golpe de Estado depõe presidente de Honduras”. O texto dizia: “Zelaya foi surpreendido em sua residência às 6 horas (9 horas de Brasília) por cerca de 300 militares, que desarmaram seus 10 seguranças e o levaram, ainda de pijamas, para a Costa Rica”. A descrição da cena com o número de pessoas envolvidas, respeitando a sequência cronológica, e o realismo de citar a vestimenta do presidente seguem as regras do Jornalismo tradicional, baseado na objetividade. *O Globo* trouxe praticamente as mesmas informações, taxou o acontecimento de golpe e deu destaque no título para o uso de pijamas por Zelaya no momento da detenção. *O La Tribuna*, por sua vez, apesar de ter apresentado de maneira geral as mesmas informações, noticiou o episódio como uma sucessão presidencial e negou que houvesse uma ruptura institucional.

Os três veículos foram objetivos e mesmo assim apresentaram diferentes versões do fato. Como é possível? Ao longo da cobertura, os jornais brasileiros se empenharam em chegar a uma conclusão sobre a legalidade da expulsão de Zelaya da Presidência por meio da análise de detalhes da Constituição hondurenha, e se depararam com diferentes interpretações. A defesa da Constituição era uma bandeira de ambos os lados do conflito. Tanto do grupo que havia destituído Zelaya, acusando-o de ter atentado contra as leis ao convocar o plebiscito, quanto por quem defendia Zelaya e denunciava que era inconstitucional retirar do cargo daquela forma um presidente eleito democraticamente.

Como escrever um texto preciso em um ambiente de incertezas, em que até as fontes oficiais, que costumam ser o ponto de apoio da mídia, eram diversas e se encontravam em conflito? Quem daria a versão oficial do acontecimento, o governo retirado do poder ou o que assumiu em seu lugar? E o mais importante: a busca do real seria capaz de trazer uma compreensão do acontecimento?

A necessidade de ter um veredicto é característica da prática jornalística tradicional, orientada para a busca da objetividade e da imparcialidade. Esses valores mostram a influência histórica do Positivismo sobre o Jornalismo<sup>5</sup>. Como observa Medina (2008), o Jornalismo herdou diversas marcas epistemológicas do *Discurso sobre o espírito positivo*, de Auguste Comte, dentre elas: a noção do real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom afirmativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação dos fatos determinados (MEDINA, 2008, pp. 24-25). As narrativas pautadas nos ideais do Positivismo não são, porém, suficientes para responder às novas exigências impostas pela realidade contemporânea e sua complexidade, conforme aponta Medina (2008).

### **A dependência de fontes oficiais**

Compreender a realidade complexa requer um saber igualmente complexo, que não se limita a uma abordagem objetiva. No caso da deposição de Zelaya em Honduras, a busca pela verdade amparada nas fontes oficiais verificada na cobertura de *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *La Tribuna* deixou escapar, por exemplo, o cotidiano dos cidadãos naquele contexto de disputa política. As histórias comuns que compunham a teia de relações do momento histórico tiveram pouco espaço nas narrativas dos jornais analisados.

O uso de fontes oficiais é uma forma de buscar credibilidade. No entanto, a pesquisa com os três jornais analisados mostrou como o conhecimento das fontes oficiais não é suficiente para se compor uma narrativa complexa. No caso das fontes ligadas ao governo brasileiro, por exemplo, o olhar de fora muitas vezes comprometia a compreensão do entrevistado sobre o outro país. O desconhecimento do governo do Brasil sobre Honduras chegou a ser citado por *O Estado de S. Paulo* em matéria do dia 27 de setembro de 2009 (“Constituição dá margem a interpretações”), quando o embaixador do Brasil na OEA, Ruy Casaes, foi entrevistado como sendo uma das “raras exceções” dessa ignorância:

No governo brasileiro, poucos parecem ter conhecimento do que se passa em Honduras. Em entrevista coletiva na sexta-feira, o próprio ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, admitiu não conhecer bem a política interna local.

---

<sup>5</sup> Conforme apontado por Medina (2006), as disciplinas acadêmicas, que permitem a especialização do profissional, incluindo o jornalista, são constituídas no final do século XIX com base na visão cientificista de mundo. O jornalista especializado é treinado para estudar e divulgar determinados tipos de informações e na sua lida é levado a desprezar os saberes que não podem ser aferidos pela lógica da racionalidade, como o saber popular ou tradicional. A ruptura com o saber comum, inclusive, faz parte do progresso do saber especializado (MEDINA, 2006).

Assim como outros líderes estrangeiros, ele chegou a criticar os hondurenhos por não levarem adiante um processo de impeachment, palavra inexistente na Constituição do país. Uma das raras exceções entre as autoridades brasileiras quando o assunto é Honduras é o embaixador do Brasil na Organização dos Estados Americanos (OEA), Ruy Casaes.

Amparados no posicionamento de autoridades de outros países, incluindo o Brasil, e de entidades internacionais, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* assumiram a narrativa de que o que ocorria em Honduras se tratava de um golpe. Não significa que ouvir pessoas comuns levaria necessariamente a um entendimento diferente, mas a busca dos protagonistas anônimos permitiria compreender melhor a realidade daquele país. Os dois jornais brasileiros deram um espaço importante aos personagens que olhavam Honduras de fora, principalmente das pessoas ligadas aos governos brasileiro, norte-americano e venezuelano. O resultado foi uma cobertura que expôs as idas e vindas das negociações entre Zelaya e o governo de Micheletti, mas que captou muito pouco da aura hondurenha.

No dia 27 de julho de 2009, em uma matéria sobre a segunda tentativa de Zelaya voltar para Honduras pela fronteira com a Nicarágua, *O Globo* relatou a situação de uma manifestante que se acidentou enquanto caminhava para tentar encontrar o ex-Presidente:

Ontem, pelo menos uma centena de partidários de Zelaya que optaram por atravessar as montanhas para fugir dos bloqueios chegaram à Nicarágua. Com uma perna quebrada devido a uma queda no caminho, a professora Maria Paz Zúniga lamentou a falta de manifestantes:

- esperava ver mais gente.

De onde vinha essa mulher? Qual era a sua idade e que distância percorreu até o seu destino? Caminhava sozinha? O que faria depois? O que mais esperava? Não é possível saber. No dia 7 de julho de 2009, o *Estado de S. Paulo* publicou uma matéria sobre as manifestações populares com o título “Grupos pró e contra Zelaya inflam números de protestos”. O jornal fez a seguinte descrição dos manifestantes:

Os participantes das manifestações pró-Zelaya são integrantes de sindicatos, movimentos estudantis, professores e simpatizantes de diferentes classes sociais. Durante os protestos, entoam gritos puxados por um carro de som e, antes de anoitecer, vão embora para suas casas. Nos protestos contra o governo, um pouco mais organizados, os manifestantes, que podem ser ricos ou pobres, vestem-se com camisetas brancas ou com as da seleção nacional de futebol. Fora das manifestações, as pessoas tentam não se envolver tanto no conflito. Aos poucos, elas se acostumam com o cotidiano do toque de recolher.

O relato sintético e recheado de generalizações não consegue se aproximar da vida dos hondurenhos naqueles dias turbulentos. O apoio que o ex-Presidente possuía dentro de Honduras foi resumido pelos dois diários brasileiros analisados às notícias sobre a ocorrência de manifestações nas ruas. Tratavam-se, no entanto, de pessoas cujos rostos não eram conhecidos, pois além da ausência de perfis dos protagonistas nas reportagens, não foram buscadas fontes nos movimentos que estavam engajados na defesa de Zelaya.

No jornal *La Tribuna*, durante todo o período analisado foi dado um amplo espaço para as fontes oficiais e seus pronunciamentos públicos. É comum encontrar nas páginas do *La Tribuna* matérias que são meras reproduções do discurso de uma fonte oficial sem o trabalho de mediação jornalística. Em alguns casos, a narrativa jornalística chegou a ser trocada pela simples reprodução de um documento, como no caso da edição do dia 23 de julho de 2009, em que uma página inteira do jornal foi dedicada à publicação da íntegra do texto do “acordo de San José”<sup>6</sup> e da edição de 28 de janeiro de 2010, quando foi publicado na totalidade o documento de defesa dos militares sobre a decisão de expulsar Zelaya do país.

Na edição de 29 de junho de 2009 do *La Tribuna*, dia seguinte da queda de Zelaya, uma matéria falava sobre pessoas que, receosas do que aconteceria, correram para os supermercados e postos de gasolina para abastecerem as despensas e os tanques dos automóveis. As páginas trouxeram fotos de ruas vazias em contraste com fotos de mercados e postos cheios. Quatro personagens comuns foram entrevistados. O primeiro, citado no texto da matéria, um homem na fila do posto, contava que queria encher o tanque do carro porque tinha sido pego de surpresa. Os outros três personagens aparecem em um quadro à parte da matéria acompanhados de fotos com close em seus rostos e duas frases sobre o porquê estavam fazendo compras. São depoimentos genéricos que não aprofundavam a experiência dos entrevistados nem ofereciam elementos que caracterizem o perfil dessas pessoas. A pobreza de informações não possibilita saber se elas são contra ou a favor do afastamento de Zelaya. Não há citação sobre profissão, idade, posicionamento político, vivências.

As matérias do jornal *La Tribuna* sobre manifestações civis contra e a favor de Zelaya não traziam perfis de protagonistas que marchavam nas ruas. O padrão seguido pelo diário foi relatar o andamento das marchas, registrar as mensagens dos cartazes e coletar um ou outro depoimento de manifestantes sobre por que estavam ali, sem se aprofundar no perfil dos entrevistados. Em alguns casos, nem a idade do personagem foi registrada. Segue um exemplo desta abordagem na edição do dia 4 de julho de 2009, quando

---

<sup>6</sup> O acordo de San José foi um documento escrito pelo então presidente da Costa Rica Oscar Arias depois de mediar uma negociação entre Manuel Zelaya e Roberto Micheletti em julho de 2009. O acordo, nunca colocado em prática, previa, entre outras coisas, a restituição de Zelaya à Presidência de Honduras sob um governo de união com as demais forças políticas que apoiavam Micheletti.

o *La Tribuna* dedicou quatro páginas para as manifestações pró-Micheletti e três pessoas presentes em uma manifestação em frente à Casa Presidencial foram entrevistadas, dentre elas, Manuel Wills:

*“Estamos aquí, porque queremos libertad y para darle nuestro apoyo al nuevo Presidente”, manifestó a LA TRIBUNA el capitalino Manuel Wills.*

*Asimismo, para mandar un mensaje a “Mel que no vuelva porque aquí no lo queremos. Vendió al país a las ideologías de Hugo Chávez. ‘Mel’ gastó más de 400 millones de dólares mientras el pueblo vive en la pobreza”.*

*Wills considera que a partir de esta crisis la población ha desarrollado una consciencia sobre la vida política, a la vez, es un mensaje para los futuros gobernantes quienes deberán tener presente “que el pueblo así como los apoya, los podría destituir”.*

O segundo entrevistado Cândido Amaya, identificado como assessor econômico da Câmara de Comércio e Indústrias de Tegicugalpa, afirma que o apoio a Micheletti vem de todas as classes. Por fim, a administradora de empresas Elena Carney declarou que o povo havia se reunido para pedir paz, liberdade e justiça e que *“además, el ex-Presidente abusó del poder y el pueblo se cansó de sus majaderías”*. A forma como a qual os personagens integram a matéria é meramente declaratória, um formato conhecido como “o povo fala”. O que prevaleceu na cobertura do *La Tribuna* sobre as manifestações foram os registros das declarações dadas publicamente por autoridades, representantes de entidades e empresários.

A dificuldade de se aprofundar em histórias peculiares pode ser reflexo do regime de trabalho imposto aos correspondentes, que precisavam dar conta de acompanhar a agenda oficial e de ficar alerta às movimentações de Zelaya, o que reduz o tempo para investir em apurações alternativas. Não se pode ignorar, porém, que a falta de um olhar sensível à realidade do outro, abrindo-se a uma narrativa complexa, é uma característica que prepondera no Jornalismo diário contemporâneo. A ausência de personagens comuns ou a destinação de espaços reduzidos a eles acaba sendo resultado dessa postura arraigada nos profissionais.

### **As fórmulas prontas**

No dia 29 de junho de 2009, quando foi noticiada a queda de Zelaya, a contextualização da política de Zelaya nos jornais analisados ficou praticamente restrita à crise em torno do plebiscito sobre a Assembleia Constituinte, além da referência à adesão de Honduras à Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA)<sup>7</sup> em 2008. A ausência de elementos que detalhassem a gestão de Zelaya, suas

---

<sup>7</sup> A ALBA foi criada em 2004 pela Venezuela e por Cuba com o pretexto de promover a integração econômica e a assistência financeira entre países membros da América do Sul, América Central e Caribe e para reduzir a dependência dos países da região aos Estados Unidos. O bloco foi lançado como uma espécie de alternativa ao modelo da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), proposta pelos norte americanos. A decisão de Honduras de aderir ao bloco teve o apoio de movimentos sociais, mas foi criticada pela elite empresarial e política, que viu na aproximação do governo hondurenho com a Venezuela uma guinada de Zelaya para a esquerda.

bases de apoio e as forças de oposição leva à construção de conclusões superficiais pelas publicações tais como a de que, por ser aliado de Chávez, então presidente da Venezuela, Zelaya era de esquerda e por isso queria um plebiscito para garantir a reeleição e se perpetuar no poder. Tal leitura da política de Zelaya feita pelos jornais desconsiderou a complexidade das relações na sociedade hondurenha e a particularidade da história daquele país.

No decorrer do tempo, o jornal *O Estado de S. Paulo*, sem ter se aprofundado até então no histórico político e econômico de Honduras, passou a adotar uma explicação padrão para a derrubada de Zelaya baseada no raciocínio de que o presidente hondurenho havia adotado políticas chavistas. A fórmula que o diário paulista repetiria em diversas edições pode ser exemplificada pelo seguinte trecho da matéria “Missão da Venezuela é expulsa de Honduras”, do dia 22 de julho de 2009:

Zelaya tentava promover em Honduras uma consulta popular sobre uma emenda constitucional que lhe permitiria se eleger novamente – caminho semelhante ao trilhado por Chávez na Venezuela. Além disso, Zelaya colocou Honduras na Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA), de Chávez, e recebia petróleo subsidiado do líder venezuelano.

*O Globo* adotou a mesma conclusão, conforme uma arte com a cronologia da crise publicada no dia 20 de julho de 2009 informava: “24 de março: Manuel Zelaya anuncia referendo para convocar Assembleia Constituinte, a fim de permitir a reeleição presidencial”. A explicação resumida dos dois jornais deixa de lado as demandas dos movimentos sociais que estavam em jogo com a aprovação de uma reforma constitucional e o conflito que isso gerava com outros setores da sociedade<sup>8</sup>. Os veículos de comunicação não informavam que a consulta sobre a formação de uma Assembleia Constituinte só seria realizada caso a população aprovasse a quarta urna no plebiscito que foi impedido em junho de 2009.

Na matéria “Pobreza e falta de habilidade levaram Zelaya à queda”, publicada pelo *O Estado de S. Paulo* no dia 5 de julho de 2009, três estudiosos que acompanhavam a política hondurenha (Eric Farnsworth, do centro Council of Americas, de Nova York, Michael Shifter, do centro Diálogo Interamericano, de Washington, e Benjamim Santos, da UNAH, de Tegucigalpa) foram entrevistados. Apesar da abordagem

---

<sup>8</sup> Como resultado da política de salário mínimo e da injeção de recursos no país permitida pela adesão à ALBA, os sindicatos de trabalhadores demonstraram disposição para respaldar politicamente Zelaya, conforme Meza descreve em *Diário de la conflictividad en Honduras: 2009-2015*, um livro de compilação das análises políticas publicadas mensalmente pelo autor de janeiro de 2009 a junho de 2015. Como resultado da aproximação entre o governo e os sindicatos, no começo de 2009 foi estabelecida uma agenda de negociações batizada de *plataforma de los doce puntos*. Dentre as principais demandas dos trabalhadores estavam: a rejeição do modelo econômico neoliberal, a revogação dos tratados de livre comércio, a não privatização dos serviços públicos, a renacionalização dos serviços privatizados (energia elétrica, telecomunicações etc.), a reforma agrária, reformas na lei florestal e na lei de mineração, o aumento da representatividade na lei eleitoral e a aplicação de direitos indígenas, dentre outros (MEZA, 2015, p.29).

com especialistas, o texto não fugiu da tentativa de enquadramento do processo vivido por Zelaya na receita pronta do chavismo e nada se falou sobre a dinâmica da política local e de seus atores. A conclusão de que Zelaya seguia uma “cartilha chavista” foi adotada pelo jornal e os especialistas pareciam servir ali apenas para recheiar o texto com frases sobre como a população hondurenha não simpatizava com Chávez. Seguem os trechos da matéria nos quais os especialistas são citados:

“Honduras é diferente dos outros países da América do Sul. Os hondurenhos gostam dos americanos e o envolvimento dos Estados Unidos no país é grande. E, enquanto o Presidente americano, Barack Obama, teve uma posição mais positiva, condenando o golpe mas defendendo saídas multilaterais para resolver o impasse, Chávez ainda ameaçou a soberania hondurenha nesta crise”, afirma Eric Farnsworth, do centro Council of Americas, de Nova York.

De acordo com Michael Shifter, do centro Diálogo Interamericano, de Washington, a ideologia chavista perdeu forças em grande parte da América Latina e isso teve reflexo especialmente em Honduras. “Lula, Obama e outras figuras políticas são bem mais populares do que Chávez. Além disso, a queda do preço do barril de petróleo afetou o chavismo”, explica Shifter.

Benjamim Santos, da Universidade Nacional Autônoma de Honduras e colunista do diário *La Tribuna*, concorda. Segundo ele, “o problema de Zelaya foi a sua ligação com Chávez, chamando alguns hondurenhos de ‘pitiyanques’. Isso não funciona em Honduras. Nós, hondurenhos, somos mais conservadores”.

O texto compara a busca de Zelaya por uma reforma constitucional e as reformas constitucionais realizadas por três governos da América do Sul: da Venezuela, da Bolívia e do Equador. Sem aprofundar o contexto de nenhum dos países, a reportagem conclui que Zelaya não teve o mesmo sucesso que seus colegas sulamericanos em alterar a Constituição por falta de habilidade política e de recursos financeiros. Neste caso, a presença de especialistas, cujos olhares estavam mais voltados para fora do que para dentro de Honduras, não ajudou a levar a discussão a um patamar de maior complexidade e compreensão da realidade hondurenha.

A edição de *O Globo* de 5 de julho de 2009 também buscou posicionar a crise de Honduras no contexto regional. Com o título “Crises embaladas por reeleições”, a matéria falava sobre como vários países da América Latina enfrentaram crises políticas desencadeadas pela decisão de governos buscarem a reeleição via referendos para aprovação de assembleias constituintes. O jornal citou como exemplos dessa chamada “tendência” presidentes das mais diferentes linhas políticas e não necessariamente contemporâneos, como o hondurenho Zelaya, o peruano Alberto Fujimori, o venezuelano Hugo Chávez, o colombiano Álvaro Uribe, o boliviano Evo Morales e o casal Kirchner na Argentina.

Não fica clara a conexão entre as diferentes histórias dos países agregados na matéria. A reeleição não era exceção no continente americano. Àquela época, na América Latina, ela era proibida apenas em

Honduras, no Paraguai e no México. Dois especialistas foram ouvidos para a construção dos argumentos da matéria de *O Globo*: Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela, e Gabriel Misas, diretor do Instituto de Estudos Políticos e Relações Internacionais da Universidade Nacional da Colômbia, ambos críticos da reeleição, que para eles fazia parte de uma política autoritária. Da mesma forma que o jornal paulista, a abordagem de *O Globo* manteve o debate sobre Honduras em um nível superficial.

Ao longo de toda a cobertura do período analisado, não é possível saber pelos jornais selecionados qual era a base de apoio de Zelaya e quais eram as políticas de esquerda que estavam em questão no país. A única referência de apoio a Zelaya que aparece constantemente é Chávez. Seria Zelaya então um líder sustentado apenas pelo apoio internacional como leva a crer a cobertura do *La Tribuna*, que exaltava em todas as suas edições o apoio popular que o governo de Micheletti contava? Ao fazer esta pergunta, queremos deixar explícito que a complexidade da sociedade hondurenha não foi, de maneira geral, retratada no material produzido pelos três jornais analisados.

## **Conclusão e novos caminhos**

A complexidade das relações exige repensar o significado do Jornalismo na contemporaneidade. A elaboração de um novo paradigma da comunicação está ligado a uma concepção que abrange a complexidade das relações no mundo contemporâneo. Como cita Morin (2003, p. 71), complexo significa, originariamente, “aquilo que é tecido junto”. Ao explicar o que buscava com a defesa de uma epistemologia complexa, Morin diz que o objetivo foi “fazer compreender que conhecer é uma aventura incerta, frágil, difícil, trágica” (MORIN, 2002, p. 33).

Assim também é a produção de conhecimento pelo profissional da comunicação. Longe do que pregam os manuais de Jornalismo sobre como relatar de maneira cirúrgica a realidade, mediar relações e construir narrativas levam a caminhos de bases movediças e porosas. O profissional da comunicação não está imune aos desafios que os arranjos do mundo contemporâneo impõem à produção do conhecimento. Os impasses contemporâneos do método científico e os desafios do signo da relação (MEDINA, 2006) estão imbricados.

Para empreender a tarefa de repensar o significado do Jornalismo na contemporaneidade, partimos neste artigo do conceito do jornalista como mediador-autor social, trilhando os caminhos traçados por pesquisadores do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da ECA-USP, fundado por Medina. Recorrendo às palavras de Sandano Santos (2014, p. 17), o Jornalismo, segundo essa linha de análise, é visto como um

“articulador do espaço do diálogo” e o jornalista, como o “profissional que interpreta empaticamente a realidade e assume a responsabilidade autoral na criação da realidade simbólica.”

A criação da realidade simbólica pelo jornalista se materializa na produção de ensaios-reportagem ou narrativas da contemporaneidade, segundo proposta construída nos anos 1980 no âmbito da ECA-USP em pesquisas do Projeto Plural, criado por Medina, e com a prática de campo da série São Paulo de Perfil, coleção de livros-reportagem lançada em 1987. Entende-se aqui a narrativa como uma forma de o ser humano organizar o caos do mundo e construir uma realidade simbólica (MEDINA, 2003). “Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida” (MEDINA, 2003, p. 48).

Não é suficiente, assim, criar narrativas da contemporaneidade estando preso a regras de uma razão instrumental que não legitima a emoção como componente essencial do ser humano. Como explicitado por Medina (2003), é preciso percorrer o esforço da interpretação. A interpretação aqui, diferentemente do ditado pela linha positivista/racional, não representa o risco de perder a verdade, mas sim o esforço de se aproximar de uma melhor compreensão da realidade que se pretende construir. É ao interpretar que o jornalista cria uma narrativa que pode contribuir para que a sociedade seja mais consciente de suas decisões históricas.

O Jornalismo Interpretativo já se manifestava em alguns jornais brasileiros na década de 1970, como observaram Medina e Leandro em *A arte de tecer o presente*. No livro, os autores traçaram um quadro de tendências das narrativas da imprensa do pós-guerra. Essas tendências, que seriam os elementos-chave para compor uma narrativa capaz de cumprir com a função de dialogia social, são: “o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o fato imediato), a humanização do fato jornalístico (perfis, histórias de vida, ou protagonismo), as raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas” (MEDINA, 2003, pp. 126-127).

A relação sujeito-sujeito, que substitui a relação sujeito-objeto de estudo da Ciência Moderna, passa a ser central nessa nova abordagem que ultrapassa a rígida lógica positivista de narrar e à qual Medina dá o nome de “arte de tecer o presente”. Ir ao encontro das vivências cotidianas e anônimas é essencial para o jornalista tecer essa rede de significados contemporânea e produzir conteúdos de comunicação que contemplem a polifonia e a polissemia, o que permitiria abordar a complexidade das relações envolvidas.

Sob uma nova ótica, em que a atividade jornalística deixa de ser vista como uma transmissão de informações do jornalista para o espectador para ser concebida como a interação entre os sujeitos, a partir da qual é possível interpretar uma realidade complexa e construir uma narrativa, são colocadas em xeque

as regras ditadas nas redações e em muitos cursos de comunicação, dentre elas a busca da verdade, a objetividade e a neutralidade.

O produto dessa nova postura precisa, por sua vez, agregar as quatro vertentes do Jornalismo Interpretativo trazidas por Medina e Leandro (1972). Dentre elas, o aprofundamento do contexto é importante para que o fato jornalístico não seja apresentado como algo isolado. Aprofundar o contexto significa situar o fato jornalístico em seus nexos objetivos e significados subjetivos, de forma a revelar um tempo cultural além do tempo factual. A busca das raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas contribuem para o esforço de contextualização do fato jornalístico e de abertura do espaço para diferentes versões.

A humanização da notícia por meio das histórias de vida, por sua vez, é central para aprofundar o contexto e para aproximar o público da narrativa. Levar as cenas cotidianas das pessoas comuns para a narrativa jornalística amplia a compreensão sobre o fato jornalístico. As experiências vivas dão significado ao tempo presente e permitem contemplar diferentes significados (polissemia) e versões (polifonia). Por isso Medina fala sobre a importância do “protagonismo anônimo” nas reportagens em vez da preponderância dos personagens oficiais nas narrativas burocráticas. Os saberes cotidianos também contribuem para o desenvolvimento da capacidade criativa dos mediadores-autores, na medida em que o contato do jornalista com os personagens da rua oxigenam as pautas viciadas trabalhadas de dentro das redações. É a “linguagem dialógica” – utilizando uma expressão de Medina –, ou seja, a que resgata as vidas comuns e trata de detalhes e emoções do cotidiano das pessoas, que permite tecer as narrativas da contemporaneidade.

## Referências

ARAUJO, S. M. Notícias de Honduras: Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição de Manuel Zelaya. 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003. 152 p.

\_\_\_\_\_. Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008. 118 p.

\_\_\_\_\_. O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006. 197 p.

\_\_\_\_\_.; LEANDRO, Paulo Roberto. A arte de tecer o presente, São Paulo, ECA-USP, 1972.



MEZA, Victor. Diário de La Conflictividad en Honduras: 2009-2015. Tegucigalpa: CEDOH, 2015. 532 p.

MORIN, Edgar. A necessidade de um Pensamento Complexo. In MENDES, C. (org) Representação e complexidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 69-77.

\_\_\_\_\_. O problema epistemológico da complexidade. Mira-Sintra. Publicações Europa-América: 2002. 136 p.

SANDANO SANTOS, C. E. Para além do código digital: Discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução a uma ciência pós-moderna. São Paulo: Graal, 1989.

Honduras segue passos de Morales e convoca plebiscito por nova Constituição. Folha Online. 24 Mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/03/539629-honduras-segue-passos-de-morales-e-convoca-plebiscito-por-nova-constituicao.shtml>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

Presidente detona crise militar em Honduras. Folha Online. 26 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2606200901.htm>>. Acesso em: 11 Dez. 2015.

Presidente de Honduras sofre golpe de Estado e é forçado ao exílio. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 29 Jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-de-honduras-sofre-golpe-de-estado-e-e-forcado-ao-exilio,394703>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

OEA condena energicamente golpe militar em Honduras, G1, São Paulo, 28 Jun. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1210973-5602,00-OEA+CONDENA+ENERGICAMENTE+GOLPE+MILITAR+EM+HONDURAS.html>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

COELHO, R. D. Opositor de Zelaya vence eleição presidencial em Honduras. BBC Brasil, Tegucigalpa, 30 Nov. 2009. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/091130\\_honduras\\_2a\\_rcpu.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/091130_honduras_2a_rcpu.shtml)>. Acesso em: 15 Dez. 2014.

Hondurenhos se dividem em protestos contra e pró-Zelaya. Último Segundo, São Paulo, 2 Jul. 2009. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/hondurenhos-se-dividem-em-protestos-contrae-pro-zelaya/n1237627880106.html>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

CHACRA, G. Confrontos deixam 1 morto e 10 feridos. O Estado de S. Paulo, Tegucigalpa, 6 Jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,confrontos-deixam-1-morto-e-10-feridos,398380>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

Zelaya volta a Honduras e se refugia em embaixada brasileira, O Estado de S. Paulo, 21 Set. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,zelaya-volta-a-honduras-e-se-refugia-em-embaixada-brasileira,438572>> Acesso em: 25 Out. 2015.



Dilma reitera que Zelaya foi até embaixada do Brasil por meios próprios, Zero Hora, Porto Alegre, 22 Set. 2009. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/09/dilma-reitera-que-zelaya-foi-ate-embaixada-do-brasil-por-meios-proprios-2661651.html>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

AMORIM, S. Serra vê trapalhada; Sarney critica uso político da missão, O Estado de S.Paulo, São Paulo, 29 Set. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,serra-ve-trapalhada-sarney-critica-uso-politico-da-missao,442558>>. Acesso em: 25 Out. 2015.